

# CADERNO 2

## Dança Estréia:

# 'Onqotô', metafísica com o sotaque mineiro do Grupo Corpo

Coreografia discute as ambigüidades entre o dentro e o fora

### CRÍTICA

HELENA KATZ  
Especial para o Estado

É um mundo onde tudo se afronta. Começa no ponto cego, onde se preparam os arremessos. Que, mais adiante, produzirão pernas-rasgos, corpos-explosões, em nesgas – Lucio Fontana, o artista plástico que nos explicou, com os cortes que fez em suas telas, de uma dimensão sem outra dimensão. Rodrigo Pederneiras produziu movimentos que parecem abrir a superfície para revelar algo que supostamente estaria dentro dela, escondido. Todavia, com eles nos ensina a ver que o dentro e o fora não passam de continuidades porque existem somente em estado de dependência. *Onqotô*, a nova produção do Grupo Corpo, que estreou na quarta-feira no Teatro Alfa, em São Paulo, se monta nesse jogo do que fica dentro ou fora e nele localiza a sua questão: onde é que eu estou? A pergunta é metafísica, mas mastigada com sotaque mineiro, aquele que come as últimas sílabas produzindo um



MOVIMENTO - Agilidade e talento

plesmente escapando de, ou voltando para um outro lugar, aquele que fica atrás? A circularidade circunscreve o dentro ou o fora desse atrás? Mais parece um conjunto reunido de fendas que só existem no momento em que são abertas pelo movimento-senha do corpo que se arremessa. (Afinal, não é assim mesmo, fazendo aparecer uma passagem com o nosso corpo, o modo como nascemos, como chegamos ao mundo?) Aqui, contudo, elas não têm direção, nem frente nem trás. (E nós também não somos, aqui fora, a continuidade daquele dentro de onde viemos?) O corpo, contaminado por essa condição primeira de existência, vai perpetuá-la em seus gestos, ao longo da obra, colando dentro aos foras e vice-versa. Os dois espetaculares duos, dançados com precisão de bisturi, são situações que deixam isso bem claro.

Rodrigo Pederneiras também monta o nascimento cosmológico. O seu big-bang se forma de uma sucessão de passos-bangs percussivos. O percutir seco vai se tornar o mantra dos corpos de *Onqotô*: opé vai precisar fazer o chão soar, o braço vai precisar tratar o ar a golpes de incisão, a cabeça vai sacudir até vibrar. E será indispensável uma companhia de 20 estrelas para dar conta de iluminar cada detalhe do que se forma. Às vezes, é só uma sutil diferença entre o que as mãos fazem, uma pendurada na ponta de

um braço enquanto a outra se fecha sobre si mesma, ou uma apoiada para frente e a outra para trás, no chão. Homens-bicho, bicho-homem no jogo ambivalente de quem se descola do onde, entre o chão e o não.

*Onqotô* continua a estrutura de quadros independentes de *Lecuona*, a criação do ano passado. A ligação entre eles se faz com os corpos que sobem para cair, ou que caem para subir porque estão experimentando o pesar do peso. Se faz também com os riscos-rasgos que se transformam em um eco sem fim.

Trilha sonora, coreografia, cenário, figurinos e bailarinos se entrecem na situação de um emprestar do outro o que o alimenta. O mundo não muda muito depois que surge o fraco humano, aquele bicho da terra tão pequeno. O primeiro nos 30 anos do Grupo Corpo. Depois do colorido do fla-flu, se volta ao preto de antes. Mas não parece uma volta e sim um ir adiante com esse preto que, então, passa a ser outro. É Freusa Zechmeister, com a sofisticação que usa como cartilha, a nos ensinar a ver que o mundo muda e permanece. A cena final, com o rasgo que cospe mais um corpo como que soletra com movimentos o que Gregório de Matos disse pela voz de José Miguel Wisnik cantando “quem não cuida de si, que é terra, erra”.

Evidentemente, era preciso que se fizesse a luz para que tudo isso pudesse acontecer. Paulo Pederneiras foi o artesão capaz de mostrar, com seus claros/escuros, a ambivalência desse jogo – que, dessa vez, também pôs em movimento, como na cena onde Caetano encanta Camões na voz de Gracie. O que desaterra, aterrada. Foi a sabedoria de transformar tudo isso em dança que Rodrigo Pederneiras teve em *Onqotô*. ●

#### ➔ Serviço

Grupo Corpo. Teatro Alfa. R. Bento Branco de Andrade Filho, 722, tel. 5693-4000. 4.ª a sáb., 21h; dom., 18h. R\$ 30 a R\$ 70

• CIA. CONTA COM 20 ESTRELAS QUE BRILHAMEDÃO FORMA A CADA DETALHE

dialeto próprio. Pois se 40 minutos antes do nada o fla-flu já tinha começado, como disse Nelson Rodrigues, já estávamos lá, desmentindo a possibilidade de existir um antes. *Onqotô* surge dessa alternância de ambigüidades.

O cenário já nos conta de um lugar ao qual não se pertence do modo habitual. Paulo Pederneiras não criou um espaço a ser povoado pelos bailarinos. Deu materialidade, junto com a atuação deles, a um espaço-porta-de-vai-e-vem. Os corpos adentram nele ou estão sim-